

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA
19 de setembro de 2023

FIFTY-FIVE DAYS AT PEKING / 1963

(55 Dias em Pequim)

um filme de Nicholas Ray e Guy Green

Realização: Nicholas Ray e (não creditado) Guy Green / **Realização ("2º Unidade"):** Andrew Marton e Noel Howard / **Argumento:** Philip Yordan e Bernard Gordon, baseado numa adaptação de Robert Hamer do romance homónimo de Samuel Edwards / **Fotografia:** Jack Hildyard e Manuel Berenguer / **Direcção Artística, décors e guarda-roupa:** Veniero Colasanti e John Moore / **Música:** Dimitri Tiomkin / **Canção:** "So Little Time", letra de Paul Francis Webster, música de Dimitri Tiomkin / **efeitos Especiais:** Alex Weldon / **Montagem:** Robert Lawrence / **Desenhos do Genérico e do final:** Dong Kingman / **Interpretação:** Charlton Heston (Major Matt Lewis), Ava Gardner (Baronesa Natalia Ivanoff), David Niven (Sir Arthur Robertson), Flora Robson (a Imperatriz Tsu Hsi), John Ireland (Sargento Harry), Elizabeth Sellars (Lady Sarah Robertson), Leo Genn (General Jung Lu), Robert Helpmann (Príncipe Tuan), Harry Andrews (Padre De Bearn), Paul Lukas (Dr. Steinfeldt), Lynne Sue Moon (Teresa), Hichizo Itami (Coronel Shita), Kurt Kaszner (Barão Sergei Ivanoff), Phillipe Leroy (Julliard), Massimo Serato (Garibaldi), Jacques Sernas (Major Bobrinski), Jerome Thor (Tenente Andy Marshall), Geoffrey Bayldon (Smythe), Joseph Furst (capitão Hanselman), Nicholas Ray (Embaixador dos Estados Unidos), etc.

Produção: Michael Waszinski para Samuel Bronston Productions / **Distribuição:** RAWK / **Cópia:** digital, technicolor, com legendas electrónicas em português, 134 minutos / **Estreia Mundial:** 29 de Maio de 1963 / **Estreia em Portugal:** 20 de Setembro de 1963 no Cinema Eden.

*É-me dolorosíssimo falar deste filme.
Lembro-me que, uma noite, acordei e disse
à minha mulher: "Alguém ou alguma coisa
veio ter comigo e disse-me que se eu fizer
este filme, nunca mais faço outro.*

Nicholas Ray

A 29 de Maio de 1963, com 51 anos, Nicholas Ray assistia pela última vez à estreia comercial dum filme em que se lia no genérico "directed by Nicholas Ray". Viveria mais dezasseis anos, em que assinou um "sketch" (**The Janitor** em **Wet Dreams**, de 74), foi actor em vários filmes, co-realizador (se a expressão é legítima) com Wim Wenders um filme sobre a sua própria morte (**Lightning Over Water**, 1980) e trabalhou dez anos numa obra que nunca considerou acabada: **We Can't Go Home Again**. Tudo isso e mais um documentário que lhe foi dedicado (**I'm a Stranger Here Myself**) vimos no Ciclo que a Cinemateca lhe dedicou em 1985. Mas tudo isso, sendo a mesma, é outra imagem, à margem do sistema, de fora dele. A carreira do "Hollywood Director" terminou, de facto, com **Fifty-Five Days at Peking**, quinze anos depois do seu início em **They Live by Night**.

No catálogo que a Cinemateca editou pode ler-se o que foi o drama - ou mesmo a tragédia - da rodagem desta obra, segunda das cinco realizações que devia fazer para Bronston, e afinal a última. **Circus World**, que devia ser a terceira, foi feita por Henry Hathaway. Os outros dois projectos (um filme sobre a Revolução Francesa e um musical) nunca chegaram a passar desse estádio.

Filme "mal preparado", com "argumento medíocre", "distribuição de actores incoerente" (estou a citar o próprio Nicholas Ray), simbolizou para o Autor "o pior de Hollywood", feito por um homem (Bronston) "que só pensava em aldrabar, roubar e enganar". Filme caríssimo, uma das maiores super-produções da época, foi, como **King of Kings**, um monumental fiasco comercial e crítico. Desta vez, nem mesmo os "fanáticos" o defenderam. Sabiam (toda a gente sabia) que Nicholas Ray não dirigira sequer metade do filme, devido a uma crise cardíaca que o atirou para o hospital a meio das filmagens. Foi Guy Green, magnífico director de fotografia inglês dos anos 40 e 50 (autor, entre outros, de **Great Expectations**, **Oliver Twist**, **Madeleine** de David Lean, **Captain Horatio Hornblower** de Walsh, **The Begger's Opera** de Peter Brook) quem o substitui, quando Ray foi declarado incapaz por médicos, sobre os quais ainda hoje paira a suspeita de terem feito um diagnóstico a soldo de Bronston, desejoso de se desembaraçar dele duma vez por todas. Green tinha iniciado em 1955, com **Lost**, uma carreira de realizador muito menos interessante do que a sua obra como director de fotografia, mas já contava, nessa altura, no activo e êxito comerciais como **The Angry Silence** (1960, com Richard Attenborough e Per Angeli), **The Mark** (1962, com Maria Schell e Rod Steiger) ou **Light in the Piazza** (1962, com Olivia de Havilland e Rossano Brazzi). Não creditado no genérico, teria sido o principal responsável de **Fifty-Five Days at Peking**, conjuntamente com Andrew Marton (já famoso pelo seu trabalho de "exteriores" no **Ben Hur** de Wyler) e Noel Howard.

Sabendo tudo isso, como já disse, pouca ou nenhuma atenção deram (demos) os "fous du Ray" a esta obra que apenas marcaria a sua entrada no rol dos proscritos. E não deixou de se ver sentido alegórico, no facto de Nicholas Ray aparecer como actor no filme, no papel do mais imponente dos embaixadores estrangeiros em Pequim (o americano) transportado em cadeira de rodas. Essa sequência existia para significar, metaforicamente, que já não o deixavam andar pelo seu pé e que nada podia ou pôde fazer, neste filme de Pequim, ou melhor da monumental reconstrução de Pequim nos arredores de Madrid, nos estúdios de Bronston, no trabalho (que Ray classificou de excepcional) dos "arts directors" Veniero Colasanti e John Moore.

Os criminosos, diz-se, não voltam ao local do crime. Também os amantes não voltam aos lugares onde foram traídos. Vi o filme (não resisti, confesso) quando se estreou em Portugal, pronto a indignar-me. E indignei-me. Desde aí, não mais voltei a abrir os **55 Dias em Pequim** por fidelidade a Ray. Como digo no catálogo, parafraseando-o, "it's a very painful film for me to talk about".

Vinte anos passados, reví-o, por dever de ofício, no Ciclo que a Cinemateca lhe dedicou em 1985. E descobri, atónito, e quase sem crer não que os meus olhos viam, que estávamos todos cegos em 1963 ou 1964. Porque o filme é uma obra prima, afinal? Não, não é. Porque o filme é de Nicholas Ray, afinal? Não, não é, pelo menos no sentido podia ter sido integral, ou duma marca permanente (é óbvio que mais de metade podia ter sido realizado por qualquer artesão, é óbvio que a montagem nada tem que ver com Ray). Porque o argumento, afinal, não é medíocre? É. Porque a distribuição, afinal, não é incoerente? Tem dias, como dizia o outro, mas dum modo geral (e à excepção de Ava Gardner ou Jonh Ireland) é-o, sendo mais um amontoado de celebridades do que um "cast" de Ray. Então, se assim é, que descobri agora no filme? Descobri que, no meio de tanta parra, há uvas com um sabor único e sobretudo que há os mais surpreendentes "raccords" quer com a obra passada de Nick, quer com a sua vida e obra futuras.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico